

GuimaraMus 2018
Simpósio Musical de Guimarães

Coordenação do volume

M. Helena Vieira
Armindo Cachada

Pensar
a
Música III



SOCIEDADE MUSICAL DE GUIMARÃES
Centro de Estudos e de Investigação Musical



UNIVERSIDADE DO MINHO
Centro de Investigação em Estudos da Criança

GUIMARÃES 2018

Pensar a Música III

Ficha Técnica

PENSAR A MÚSICA III

Guimaramus 2018 - Simpósio Musical de Guimarães

Coordenação	Armando Cachada
Organizadores do volume	M. Helena Vieira Armando Cachada
Responsáveis científicos	Estudos Musicológicos <i>José Maria Pedrosa Cardoso</i> <i>Ana Maria Liberal</i>
	Políticas Educativas e Pedagogia Musical <i>M. Helena Vieira</i>
	Estudos Etnomusicológicas <i>João Soeiro de Carvalho</i>
	Estudos de Performance <i>Luís Pipa</i>
	Património Musical Vimaranense <i>Eduardo Magalhães</i>
Organização	Sociedade Musical de Guimarães
Parceria	Universidade do Minho
Arranjo Gráfico e paginação	Armando Cachada
Impressão	PapelMunde, SMG, Lda
Edição	CEIM - Centro de Estudos e de Investigação Musical Largo da Condessa do Juncal, 4800-159 - Guimarães E-mail: guimaramus2018@gmail.com URL: www.guimaramus.org
Depósito Legal	440949/18
ISBN	978-989-98539-3-5
Ano	2018

GuimaraMus 2018

Organização do volume

M. Helena Vieira
Armando Cachada

Pensar
a
Música III

SOCIEDADE MUSICAL DE GUIARÃES
Centro de Estudos e de Investigação Musical

*

UNIVERSIDADE DO MINHO
Centro de Investigação em Estudos da Criança

GUIMARÃES 2018

NOTA DE ABERTURA

A Sociedade Musical de Guimarães, o GuimaraMus 2018 e os estudos sobre o património musical

Não é por mero voluntarismo que a Sociedade Musical de Guimarães tem vindo a organizar, desde 2003, o evento bienal *GuimaraMus - Simpósio Musical de Guimarães*, inicialmente sob o designativo de *Música e Músicos em Guimarães*.

Organiza-o porque, no início dos anos noventa, quando a Direção da SMG arrancou com o processo de criação do Conservatório de Guimarães, tendo como patrono o musicólogo vimaranense Bernardo Valentim Moreira de Sá, entendeu, entre outras considerações, que não lhe cometia apenas a responsabilidade de dar formação musical e instrumental aos alunos da sua escola, como também proporcionar aos seus professores ações de formação periódica, para atualização de conhecimentos nas diferentes áreas do saber musical que eram chamados a leccionar.

Mas não só. Sendo Guimarães uma cidade com um riquíssimo historial musical e tendo um importante conjunto de acervos musicais distribuídos por diversas e antigas instituições da cidade, era mister que olhasse também para este património com a responsabilidade de o inventariar, estudar e tornar disponível à comunidade cultural interessada.

Orientava, assim, a sua ação cultural e formativa, para três áreas fundamentais: formar músicos, criar públicos, e pensar a música.

A primeira preocupação da SMG, no arranque dos anos noventa, tantos quantos a instituição tinha de vida, foi, efetivamente, dar corpo ao projeto de criação da sua Academia, em regime oficial e com paralelismo pedagógico. Essa foi, ao longo dos últimos vinte e seis anos, a principal preocupação institucional: fazer crescer a sua escola, não apenas em número de alunos e professores, mas também fazer dela um referencial de qualidade artística e formativa. O historial da instituição deixa concluir que este desiderato tem resultado bastante positivo, pesem embora as muitas contrariedades que foram surgindo pelo caminho, a principal das quais tem sido a condicionante das suas instalações.

Património Musical

Mas a SMG herdara da sua antiga banda filarmónica, um volumoso e valioso acervo de partituras musicais, com obras transversais a todo o século XX, muitas delas originais na composição e no leque de autores,

alguns deles hoje já desconhecidos. Hinos, marchas e muitas outras peças compostas e escritas especialmente para solenizar eventos festivos ou socialmente relevantes, fazem parte desse acervo musical, património que a Sociedade Musical guarda com carinho, pois faz parte do seu percurso de vida institucional. Para inventariar e estudar esse património, com cerca de um milhar de partituras, deu-se corpo, em 2001, a um projeto designado *CIDAVE - Cultura e Informação Digital do Vale do Ave*, que tinha como objectivos, entre outros, a utilização das ferramentas informáticas no campo da música, quer no domínio da constituição de bases de dados documentais (digitalização de partituras, MP3, artigos de investigação, divulgação de iniciativas, etc.), para divulgar na Internet, através de um Portal digital.

Embora a ideia inicial do projeto inicial tivesse partido da SMG, foram convidadas e aceitaram participar na sua configuração algumas entidades com competência relevante nas áreas técnicas e científicas a dinamizar, nomeadamente a *Sociedade Martins Sarmento* (para constituição de uma base de dados documental), a *Universidade do Minho* através do seu Departamento de Sistemas de Informação e o Centro de Computação Gráfica (CG), na altura sediado em Coimbra mas que a Universidade do Minho integrava como consorte.

Tal projeto, delineado ao pormenor em termos de objetivos e de orçamento, embora muito elogiado pelas entidades de tutela da então *Sociedade de Informação*, acabou por não poder avançar por falta de financiamento. Como muitos outros, aliás. Mas não ficou esquecido, pois, aproveitando a dinâmica gerada pela realização em Guimarães, em 2012, da *Capital Europeia da Cultura*, foi organizado um novo projeto que, embora menos ambicioso, acabou por ter apoio financeiro CEC, o que viabilizou a sua execução e está já no terreno (www.musicave.org).

Centro de Estudos e de Investigação Musical

Igualmente decorrente da envolvimento da *Sociedade Musical* na *CEC-2012*, deu-se corpo a um outro processo, o da criação do *Centro de Estudos e de Investigação Musical (CEIM)*, com o propósito de viabilizar os projetos de levantamento, estudo, salvaguarda e divulgação dos valiosos acervos musicais de Guimarães e da região envolvente, quer em suporte digital através do espaço internetico, quer em suporte papel (publicações), para maior permanência no tempo. É através deste Centro de Investigação que continuarão a ser assegurados, futuramente, todos os trabalhos de investigação e divulgação do património etnomusical de Guimarães.

Por esta razão, pretendemos que este ano se reforce o *GuimaraMus 2018*, por forma a que ganhe definitivamente raízes e possa ser um lugar de

encontros e de troca de experiências musicais. Sobretudo, que possa permitir, fora do contexto académico da universidade, pensar e repensar a música, não só nas áreas tradicionais do saber teórico, mas também no que elas possam servir para apoiar o levantamento, investigação e preservação do património musical nas diferentes regiões. Sabemos que há muito património musical a perder-se, quer de instituições que vão desaparecendo, quer de outras que andam mais ou menos a marinar, sem saber muito bem o que fazer aos acervos musicais de que são detentores. Para não falar do que já desapareceu, em sagas de limpeza de papeladas ou de objetos considerados "lixo".

O livro "Pensar a Música III"

No que ao *Conservatório da Sociedade Musical de Guimarães* diz respeito, torna-se evidente que não pretendemos apenas formar academicamente jovens músicos instrumentistas, mas também motivá-los a pensar a música e sensibilizá-los para a necessidade de reconhecer e ajudar a salvaguardar o património musical de cada região.

É neste contexto que quisemos ter pronto o livro *Pensar a Música III*, com as conferências que vão ser proferidas no Simpósio, para que cada um dos participantes possa ter acesso ao mesmo na data da sua realização.

É um documento que pretendemos também fazer chegar às bibliotecas das instituições musicais do ensino superior, como o fizemos com as publicações anteriores, para que os estudantes ou docentes o possam consultar.

Não poderia encerrar esta nota sem um particular agradecimento a todos os conferencistas que aceitaram participar no GuimaraMus 2018, muito particularmente às comissões organizadora e científica e especialmente à coordenadora científica Prof^a Dra. M. Helena Vieira, pela forma como se tem vindo a envolver e a colaborar neste projeto da Sociedade Musical de Guimarães. Em nome da *Sociedade Musical de Guimarães*, muito obrigado.

Armando Cachada
cachada.armindo@gmail.com

Presidente da Sociedade Musical de Guimarães
Centro de Estudos e de Investigação Musical
Comissão Organizadora do Simpósio Musical de Guimarães 2018
Guimarães 11 de Maio de 2018

INTRODUÇÃO

Pensar a Música III

A colaboração da Universidade do Minho com a Sociedade Musical de Guimarães na organização dos simpósios bienais *Guimaramus* tem sido mais intensa desde 2012, ano em que se realizou o Congresso Guimaramus 2012, o primeiro evento internacional da série. Nesse ano foi publicado o livro “Pensar a Música”, volume de 588 páginas, que reuniu textos seleccionados do encontro, representando as áreas de especialidade que têm constituído o foco de atenção dos trabalhos: *Estudos Musicológicos e Estudos Etnomusicológicos, Políticas Educativas e Pedagogia Musical, Estudos de Performance, Som e Músicas Digitais, Música e Músicos em Guimarães*. Em 2014 o evento voltou a ser nacional e reassumiu o formato de simpósio, tendo sido publicado um volume de textos dos membros da Comissão Científica, “Pensar a Música II”, relativos às referidas áreas de especialidade (à excepção de Som e Música Digitais, um vazio que ficou a dever-se à perda precoce do amigo e colaborador Leonel Valbom). Por motivos e impossibilidades diversas o simpósio não se realizou em 2016, voltando agora a realizar-se em 2018. O livro “Pensar a Música III” que o leitor (ou a leitora) agora folheia congrega os textos das palestras de membros da Comissão Científica e de outros especialistas convidados para o encontro.

Numa época em que predominam lógicas *tayloristas* de trabalho e em que as próprias universidades parecem render-se a modelos de racionalização, rentabilização e contabilização de produção científica de tipo empresarial, convocar para “pensar a música” emerge como um desafio duplamente anacrónico: primeiro, porque se vivem tempos em que não há tempo para pensar, e depressa se esquecem decisões (ou impulsos) de momento recente; depois, porque a música, como realidade imaterial, escapa, na sua essência, às lógicas de produtividade e quantidade e inscreve-se nos princípios altíssimos da qualidade e da beleza. Uma qualidade e beleza que só se atingem à velocidade de muitas horas de estudo por compasso. Camilo Pessanha, que se saiba, escreveu apenas um livro de poesia, *Clepsidra*; mas o que seria da poesia portuguesa contemporânea sem esse livro? Ah, “eu vi a luz em um país perdido”...

A música encontra-se, neste contexto paradoxal, na encruzilhada de vários caminhos: ela é a arte do inefável, mas também nos foi legada como herança num património que urge preservar; ela escapa-se no tempo, mas a literatura, a pintura, a iconografia e a literatura falam-nos dela; ela só

existe no acto performativo, mas os registos notacionais e sonoros permitem recuperá-la para o gesto de novas interpretações; ela é, como costuma dizer-se, “uma linguagem universal” e, no entanto, é valorizada pela sua capacidade de captar o brilho da alma nacional e o colorido de regionalismos; ela inscreve na duração do acto performativo o espírito de outras épocas, mas convoca o futuro *avant la lettre* na inovação composicional e nos meios técnicos a que recorre para se reinventar; ela ouve-se, pratica-se e cria-se, mas também se estuda no seu contexto sociológico e de produção. Neste sentido, o simpósio deste ano dedicou-se a reflectir sobre a identidade da música enquanto património material e imaterial, a música enquanto produto e enquanto processo.

Na primeira parte do livro, encontram-se os textos focados na ideia de música-património (um património material e cultural histórica e geograficamente situado e histórica e geograficamente transmitido em processos performativos e educativos específicos): o primeiro capítulo apresenta a conferência de abertura de Mário Vieira de Carvalho, na qual é dilucidado o próprio conceito de “património musical” e as relações de poder e exclusão do outro envolvidas em todos os processos de legitimação patrimonial, sendo abordados especificamente os casos da ópera em Portugal e do Teatro São Carlos; o segundo capítulo, dedicado aos estudos musicológicos, reúne os textos de José Maria Pedrosa Cardoso (sobre a questão da “alma nacional” contida nas “Viagens da Minha Terra” e nos “Cantos Sefardins” de Lopes Graça) e de Ana Maria Liberal (sobre o papel da Sociedade de Quartetos no Porto oitocentista como veículo divulgador do património musical clássico e como introdutor de práticas culturais e pedagógicas germânicas no Romantismo português); o terceiro capítulo, da autora destas linhas, visa alertar para as falsas seguranças tradicionalmente associadas ao panorama curricular historicamente instituído e sedimentado, convidando a olhar esse património político-pedagógico como cristalizador de relações de poder e como matéria processual passível (como a história comprova) de reflexão crítica, readequação sociológica e *aggiornamento*; o quarto capítulo, escrito por Luís Pipa, incide também numa óptica questionadora do *status quo* da música enquanto património, sublinhando a impenetrabilidade dos processos interpretativos individuais (mesmo quando inseridos em linhas de interpretação historicamente informadas) e o papel da subjectividade interpretativa na comunicação com o público; o quinto capítulo reúne dois textos de José Duarte Cardoso Gomes e Cristina Maria Cardoso Gomes sobre a temática “som e música digitais” (um sobre a arte digital no ensino da música, o outro sobre estratégias de “gamificação” no desenvolvimento do ouvido absoluto, ambos retratando um património musical e pedagógico em mudança).

Na segunda parte do livro estão reunidos os textos relativos à música enquanto património *etnomusical*, num roteiro de quatro capítulos: o sexto capítulo, de João Soeiro de Carvalho, descreve o caso do património sineiro de Mafra, as suas origens históricas, as razões da sua configuração actual, e as motivações para o estudo que ali se tem estado a desenvolver; o sétimo capítulo, escrito por Armindo Cachada faz ecoar o imaginário associado a lendas do património sineiro que as tradições e a literatura nos fizeram chegar; o oitavo e o nono capítulos procuram fazer-nos chegar ao património etnomusical através dos patrimónios iconográfico e filatélico. Eduardo Magalhães assina esses dois últimos capítulos aproximando a lupa do nosso olhar à filigrana de objectos vimaranenses como a Custódia de Guimarães, com os seus anjos músicos, ou a uma história da música em selos do correio, organizada por Albano Guedes, antigo membro da Sociedade Filarmónica Vimaranense (Banda dos Guises).

Apresentam-se, assim, neste livro, perspectivas sobre a música enquanto património material e imaterial, musical e pedagógico, nacional e regional, erudito e popular, organológico e literário, histórico e contemporâneo. Acima de tudo pretendeu-se, não apenas realizar uma síntese descritiva de vários aspectos do património musical e pedagógico no nosso país, mas também convidar os leitores à reflexão crítica sobre essas realidades, convidar a “pensar a música”. Fica o agradecimento à Sociedade Musical de Guimarães (que deu início e continua a persistir nesta proposta) e ao Centro de Investigação em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho, por sempre ter compreendido e apoiado estes simpósios como contributo de longo alcance para a melhoria do ensino musical das crianças portuguesas.

M. Helena Vieira
m.helenavieira@ie.uminho.pt

Instituto de Educação - Universidade do Minho
Centro de Investigação em Estudos da Criança
Braga, 5 de Maio de 2018

ÍNDICE do Livro PENSAR A MÚSICA III

NOTA DE ABERTURA

- A Sociedade Musical de Guimarães,
o GuimaraMus 2018 e os estudos sobre o património musical
Armindo Cachada 5

INTRODUÇÃO

- Pensar a Música III
M. Helena Vieira 9

I PARTE

A MÚSICA COMO PATRIMÓNIO E PROCESSO EDUCATIVO

CAPITULO 1 - CONFERÊNCIA DE ABERTURA

- Património musical: da legitimação ideológica à problematização crítica
Mário Vieira de Carvalho 15

CAPITULO 2 - ESTUDOS MUSICOLÓGICOS

- A Alma da Portugalidade nas “Viagens na Minha Terra” e em “Cantos Sefardins” de Fernando Lopes Graça
José Maria Pedrosa Cardoso 35

- Sociedade de Quartetos (1874-1881) - “uma sociedade destinada a propagar o gosto pela música clássica no Porto”
Ana Maria Liberal 47

CAPITULO 3 - POLÍTICAS EDUCATIVAS E PEDAGOGIA MUSICAL

- Perspectivas curriculares sobre o ensino da música em Portugal.
Interpretando o palimpsesto.
M^a Helena Vieira 61

CAPITULO 4 - ESTUDOS DE PERFORMANCE

- Contextos de expressividade na interpretação de repertório pianístico
Luís Pipa 73

CAPITULO 5 - SOM E MÚSICA DIGITAIS

- Média-Arte digital no ensino da música
José Duarte Cardoso Gomes e Cristina Maria Cardoso Gomes 83

- Estratégias de gamificação no desenvolvimento do “ouvido absoluto”: o jogo “Flappy Crab”
Cristina Maria Cardoso Gomes e José Duarte Cardoso Gomes 111

II PARTE

PATRIMÓNIO ETNOMUSICAL

CAPITULO 6 – O PATRIMÓNIO SINEIRO. O CASO DE MAFRA	
Os carrilhões de Mafra: desafios de uma herança cultural	
<i>João Soeiro</i>	135
CAPITULO 7 – O PATRIMÓNIO SINEIRO E O IMAGINÁRIO	
Os sinos na lenda, na tradição e na literatura	
<i>Armindo Cachada</i>	143
CAPITULO 8 – O PATRIMÓNIO ICONOGRÁFICO	
Iconografia Musical do Museu Alberto Sampaio	
<i>Eduardo Magalhães</i>	161
CAPITULO 9 – O PATRIMÓNIO FILATÉLICO	
A música na filatelia	
<i>Eduardo Magalhães</i>	199